

TRÊS NÍVEIS DE REALIDADE PARA GUIANÇA INTERIOR

Saudações, queridos amigos aqui reunidos e que são muito abençoados. Não é apenas pela sua presença que vocês estão no estado de espírito propício ao recebimento de orientação e verdade, mas principalmente por todos os esforços interiores feitos para chegar à percepção do seu verdadeiro ser. Quanto mais essa percepção for ativada, mais bênçãos são geradas a partir do seu interior.

O ser humano que está apartado de sua realidade interior está realmente perdido. A maioria dos seres humanos estão, em maior ou menor grau, totalmente apartados dela e precisam, portanto, encontrar o caminho de volta à realidade interior. Poucos conseguiram essa ligação – e eles sempre foram e serão os líderes espirituais da humanidade. Todos os esforços neste caminho visam restabelecer essa ligação para obter orientação interior, para a manifestação da realidade interior.

Jesus Cristo afirmou que o reino dos céus está dentro do homem. É frequente essas palavras serem dadas como uma premissa, sem que se reflita sobre elas. O que queremos dizer com “reino”? O que simboliza a palavra “reino”? Ela simboliza o poder absoluto e a riqueza que aqueles que já despertaram espiritualmente constatarem ser a realidade. Falamos, naturalmente, do poder espiritual e da riqueza de amor, verdade, paz, expansão, criatividade, ventura e conhecimento do poder do eu de criar qualquer coisa que ele possa conceber. Isso abrange tudo que a vida pode ser. Significa atingir a plena individualidade, como deve ser. Se ao menos vocês pudessem perceber que ainda não atingiram nem uma partícula do poder e da beleza, da verdade e do amor, do êxtase e da possibilidade de expansão criativa que poderiam possuir, exercer e que já é de vocês, meus amigos! Essas não são palavras vazias, trata-se de uma verdade facilmente constatada.

O caminho para a realidade interior e a orientação interior é trabalhoso. Mas é trabalhoso basicamente porque vocês imaginam que a verdade está muito longe, muito mais longe do que de fato está. Vocês não conseguem conceber o que a vida já é, neste exato momento, e como ela poderia ser se vocês pudessem ver, entender, realizar a verdade. Vocês ainda a vêem como uma teoria distante, abstrata, irreal, e se percebem como uma partícula isolada num universo essencialmente hostil, ou, pelo menos, num universo indiferente que nada tem a ver com vocês. Vocês concebem o universo como um fato estático, imóvel, no qual foram colocados e cujas leis não têm nenhuma relação com as suas leis interiores.

Esse conceito, e o modo como vocês se colocam diante da vida, é a verdadeira dificuldade. É isso que torna o caminho tão difícil e trabalhoso – nada mais. Assim, a dificuldade não é real; ela consiste nesse conceito. A questão é como vocês podem mudar o conceito. Esse é o trabalho, esse é o esforço. E, por mais inacreditável que pareça para quem já atingiu essa realidade do ser, vocês lutam contra a realização de ser o verdadeiro eu, como se esse fosse o mais terrível destino do mundo. Se não houvesse a ilusão sobre a separação entre o seu verdadeiro ser e a sua consciência momentâ-

nea, ou a separação entre o universo e vocês, haveria um despertar instantâneo – um “estalo”, por assim dizer – e vocês saberiam quem são e o que é a vida.

Todas as minhas palestras, todo o nosso trabalho em conjunto atacam esse problema da sua ilusão de diferentes ângulos. Essas diferentes abordagens têm uma certa ordem sequencial. Em geral, vocês encontram a mesma ordem sequencial no seu próprio caminho, particular, pessoal. No entanto, não se pode forçar o caminho individual a imitar a sequência dessas palestras. Ao contrário, o processo (como alguns de vocês já descobriram) é que vocês, com essa orientação, encontram a sua própria verdade como uma experiência direta e espontânea, em seu íntimo. Assim, normalmente a verdade parece, nos primeiros momentos de entendimento, tão nova e original que vocês imaginam nunca tê-la ouvido anteriormente. Mas depois, vê-se que elas comprovam as palestras que vocês estudaram, as palestras que penetraram nas regiões mais profundas do inconsciente. Vocês usam as palestras, e depois usam suas próprias faculdades intuitivas, liberadas progressivamente quando encaram a verdade que, a princípio, não queriam ver. A eliminação do erro libera a intuição e a experiência criativa de dentro para fora. As palestras, primeiro, impulsionam o processo, e mais tarde o reforçam e confirmam, quando vocês as leem novamente.

Esta noite nossa abordagem específica será discutir três níveis de realidade. Se vocês puderem primeiro compreender e finalmente assimilar o que eu disser, o caminho ficará muito mais fácil. Parte da dificuldade ilusória será eliminada, de modo que o seu guia interior se manifestará como um fenômeno natural, sem esforço. Quais são esses três níveis de realidade? Talvez vocês esperem ouvir falar dos conhecidos níveis da realidade física, mental e espiritual, sobre os quais falamos em muitos contextos e relações. Mas aqui se trata de outra coisa, portanto preparem-se para se sintonizar com uma nova abordagem.

O primeiro nível da realidade é aquilo que vocês pensam que existe. O segundo nível da realidade é aquilo que de fato existe. O terceiro nível da realidade é aquilo que poderia existir. É preferível não discutir isso de maneira filosófica, geral ou teórica. Quanto mais específicos e pessoais vocês puderem ser ao assimilar o que vou expor, e quanto mais vocês puderem aplicar isso às experiências aparentemente mais insignificantes e subjetivas dos seus esforços cotidianos, tanto melhor. Examinem as suas reações e atitudes problemáticas, aquelas que não deixam vocês tranquilos, felizes e vivos, e procurem ver de que maneira o que eu disser hoje se aplica a vocês.

Não importa se um distúrbio parecer a seus olhos insignificante ou capaz de abalar o mundo; perguntem a si mesmos: “Aquilo em que realmente acredito existe? Em mim? À minha volta? Na minha interação com os outros? Na situação tal como a vivencio?” Isso não é fácil ou simples ou óbvio como pode parecer à primeira vista – absolutamente não é! Eu diria que penetrar nesse nível talvez seja exatamente a maior dificuldade. Uma vez feito isso, será muito mais fácil lidar com os dois níveis seguintes da realidade. O homem é totalmente confuso e ignorante sobre o que realmente pensa e sente. Em geral, ele desvia o olhar e só tem uma vaga e imprecisa noção de algum distúrbio, que ele depressa racionaliza ou para o qual busca as explicações que pareçam mais adequadas, mais aceitáveis, mais “lógicas” ou mais compatíveis com o seu modo mais superficial de encarar a vida e a si mesmo. Assim, ele reconhece apenas um entre os conjuntos, muitas vezes em grande número, de contradição e emoções conflitantes, e mesmo isso ele faz, na melhor das hipóteses, de uma maneira rasa, descuidada. Dessa forma, o verdadeiro drama de suas crenças e opiniões, impressões e reações, conceitos e ideias, esperanças e medos fica quase completamente obscurecido. O homem se refugia em rótulos coletivos, excessivamente simplistas, que supostamente expressam o que de fato

ocorre em seu íntimo. Quando ele diz que está deprimido, ansioso, desanimado, bravo, magoado ou cansado, ele se contenta em dar o nome dessas emoções a um grande número de sentimentos, impressões e crenças, como se não fosse preciso pesquisar mais a fundo. Se ele usasse o nome dessas emoções como um começo para explorá-las, seria útil. Mas, no mais das vezes, ele usa o nome dessas emoções como explicação final. Assim, não consegue atingir nem o primeiro nível da realidade – da sua interpretação, frequentemente confusa e errônea, da vida, dos outros, do eu. Pode parecer paradoxal eu dar a esse nível o nome de realidade. Mas é uma realidade temporária, na medida em que a pessoa realmente sente, pensa e acredita, seja verdade ou não, enquanto a névoa e a bruma da percepção não específica é uma terra de ninguém, não sendo nem mesmo uma realidade temporária. Por isso é tão doloroso e inseguro, por isso esse nível de “pré-realidade”, para cunhar uma expressão, é o estado mais alienado de todos.

Como vocês sabem, faz parte do trabalho individual examinar meticulosamente as razões e as origens desses rótulos coletivos. A primeira reação, muitas vezes, é que vocês nem mesmo sabem por que se sentem dessa ou daquela forma, e se contentam com uma resposta rápida e fácil. Essas respostas rápidas e fáceis podem parecer extremamente plausíveis e sérias em um mundo que foge de uma abordagem original, nova. No entanto, todo problema precisa ser examinado como se nunca tivesse existido e como se a sociedade já não oferecesse respostas prontas.

Se alguém prestar um pouco de atenção ao que realmente acredita ser a causa de um determinado sentimento de infelicidade – e normalmente isso requer relativamente pouca atenção – chega a algumas respostas com muita facilidade. Como mencionei, dificilmente é apenas uma coisa, pois existem simultaneamente opiniões e ideias contraditórias. Um conjunto de ideias contraditórias dá origem a outros conjuntos de reações contraditórias, contrarreações, medidas de defesa, novas falsas crenças, consequências inevitáveis das primeiras, criando mais e mais reações em cadeia. Quando tudo isso permanece no impreciso cenário da não consciência, da meia consciência, das explicações fáceis, como se pode atingir o primeiro nível da realidade – conhecer aquilo que a pessoa pensa existir?

Não é nem um pouco impossível, por exemplo, uma pessoa julgar secretamente e ao mesmo tempo que é o ser mais importante do universo e que é o ser mais desprezível do universo. Mesmo uma premissa dessas tem inumeráveis consequências, gerando outras suposições erradas no trato daquela pessoa com o mundo. Cada premissa errada primária transforma-se como uma bola de neve em um grande número de crenças e mecanismos de defesa insustentáveis, dolorosos e destrutivos, e cada um deles, por sua vez, gera complicadas teias de emaranhados e crenças cada vez mais dolorosas. As duas premissas contraditórias iniciais multiplicam a confusão, o emaranhado, as concepções erradas e a dor daí resultante. Pois o erro é dor, assim como a verdade é felicidade.

Essas ideias mutuamente excludentes, bem como um grande número de concepções erradas e confusões, já são conhecidas de vocês. Qualquer um que trabalhe no caminho sabe, por experiência própria, como elas são opressivas e como é um alívio livrar-se delas. Também sabe que cada teia de emaranhado desencadeia uma batalha para não elucidar a confusão, embora a dor continue enquanto a confusão perdura, embora conheça o estado de liberação e felicidade depois que a situação é esclarecida. Embora todos vocês saibam disso, até certo ponto por experiência própria e sem dúvida como uma teoria válida, nenhum de vocês tem plena consciência do grau em que continuam vivendo no estado de pré-realidade. A maioria dos meus amigos não vê, na vida cotidiana, exatamente esse conceito dualista do eu como, ao mesmo tempo, o ponto mais elevado e mais baixo respon-

sável por aquela camada da realidade onde a pessoa pensa que determinadas coisas existem sem que elas sejam necessariamente verdadeiras.

Também acontece muitas vezes que, apesar de vocês terem reconhecido uma premissa falsa, vamos dizer, sobre vocês mesmos, vocês não rastreiam as ramificações dessa premissa. Vocês deixam de ver, por exemplo, como essa premissa afeta as suas crenças sobre os outros, o que vocês acreditam que eles são e o que pensam de vocês, o que uma situação ou incidente significa à luz dessa premissa, o que realmente significam determinadas reações do eu e dos outros. Se vocês expressarem com todas as letras o que acreditam que significa tal pessoa, situação ou acontecimento, vocês saberão por que se sentem infelizes. Esse conhecimento nítido da razão do sentimento faz uma diferença enorme. Mas não é só isso, ele também lhes dá a possibilidade de perceber que algumas de suas crenças são absurdas. Também é possível que vocês tenham admitido isso em geral e em tese, mas fazê-lo especificamente continua sendo muito difícil. A arrogância intelectual do homem é que torna isso tão difícil. É arrogância colocar-se acima dos outros, mas é ainda mais prejudicial superestimar o próprio intelecto e, assim, deixar de usar a sabedoria intrínseca real, negando e refutando ao mesmo tempo os equívocos infantis da personalidade. O que acontece, na verdade, é que tal pessoa se coloca acima do estado que é seu naquele momento.

É tão difícil admitir que um absurdo infantil está alojado no inconsciente porque isso entra em contradição com o conceito que o homem faz da sua inteligência. Mas talvez uma motivação ainda mais forte para manter as crenças secretas na névoa de impressões e sentimentos vagos, em vez de reconhecê-los com exatidão, seja a seguinte. O homem tem “interesse adquirido” em manter essas coisas secretas por causa da vaga noção de que, uma vez reveladas, ele será obrigado a fazer mudanças. Ele teme fazer isso exatamente porque está tão identificado com suas falsas ideias que um modo diferente de encarar as coisas parece-lhe ameaçador. Mas ele não percebe que a ameaça só existe por causa da ideia em questão. As suposições ilusórias se juntam, uma leva à outra, sendo preciso desemaranhá-las para instituir a ordem e a verdade no homem. Se ele se colocar acima de seu eu real, e se esse eu ainda for ignorante ou mal informado, não poderá haver ordem. É difícil admitir o lado extremamente infantil, com todas as suas ideias e crenças sem sentido. No momento em que o lado infantil é escancarado, você sabe que é um absurdo, e sente alívio por se livrar das crenças opressivas.

Além desse absurdo, também existem falsas crenças e impressões que vocês até supõem conscientemente serem verdadeiras, pelo menos até certo ponto. Com essas é ainda mais difícil lidar.

Existem também as crenças que vocês acham que de alguma forma são erradas, mas não querem alterá-las. De certa forma, vocês supõem que a premissa dolorosa é preferível a uma alternativa que, no fundo do inconsciente, acham ainda pior. É claro que isso também é uma suposição ilusória, pois nenhuma verdade é opressora, irremediável, ou indesejável sob qualquer aspecto. As complicações e interações de todos os nós, ciladas, falsas crenças, meias verdades e contradições constituem o que de fato existe em vocês. E só se pode avançar depois que isso for encarado.

Esse nível da realidade precisa ser totalmente desemaranhado. Se o homem não quiser ver o que ele acredita ser verdadeiro, não poderá jamais ver o que é de fato verdadeiro naquele momento. Consequentemente, será incapaz de atingir o terceiro nível de realidade, transformando a realidade presente – e não acreditando no que quer, em mágica ilusória, ou negando os fatos – em uma realidade mais favorável para ele.

Vamos tomar um exemplo geral: o medo que o homem tem da rejeição. Esse medo percorre sua vida psíquica e conseqüentemente se estende para sua vida exterior, física. A rejeição em si não seria a ameaça que é para a maioria das pessoas se não estivesse associada a premissas específicas. O que são essas premissas específicas é que precisa ser desvendado. Por exemplo, uma pessoa pode acreditar que não vale nada, e a rejeição é uma ameaça tão grande apenas porque parece confirmar o “fato” de sua falta de valor. Assim, não basta reconhecer uma “explicação” estereotipada, dizendo que a pessoa sente ansiedade. É necessário, primeiramente, reconhecer que a ansiedade existe porque a pessoa teme a rejeição. Posteriormente, é preciso trazer à tona que a rejeição é tão ameaçadora porque a pessoa se acha sem valor e não quer admitir esse sentimento. Mas mesmo isso não leva muito longe. Agora é necessário descobrir em que, especificamente, se baseia essa ideia, até então secreta, de não ter valor. Em outras palavras, é preciso tirar todas essas crenças e premissas específicas da bruma da imprecisão onde elas se escondem sob o rótulo coletivo de “ansiedade”.

Quando o enfoque muda da maneira aqui sugerida e se faz uma investigação séria, quando nada é dado como certo e tudo é enfocado de um modo novo e original, vocês vão verificar se aqui-lo em que vocês acreditam existe. Daí por diante, vocês podem começar a ir mais fundo e a questionar as premissas dessas crenças. Podem começar a abrir os olhos e ver objetivamente o que realmente existe. Nessa fase de transição de um nível da realidade para o nível seguinte, vocês também precisam se perguntar se querem de fato descobrir, primeiro, se o que vocês pensam existe, e segundo, o que realmente é. Todas as falsas premissas que vocês aceitam parecem determinar que o segredo deve ser mantido. Por exemplo, se fosse verdadeiro que vocês não têm valor nem conserto, encarar tal fato seria, na verdade, um empreendimento penoso. Mas, nesse caso, seria preferível viver uma mentira, fingindo que vocês acreditam no seu valor, quando no fundo duvidam dele? Considerações como essas dotarão vocês da lógica necessária para examinar o que vocês acreditam que existe, com o intuito de descobrir o que realmente existe. A verdade é que vocês têm muito valor, embora talvez de uma maneira diferente do que acreditavam.

Inversamente e ao mesmo tempo, vocês podem acreditar que são a pessoa mais importante e valiosa da terra, merecedora de privilégios muito especiais. Comprovar tal crença é difícil, pois o conhecimento intelectual de vocês rejeita tal arrogância e gera até vergonha. Além disso, admitir essa ideia é algo mais próximo de questionar sua validade, o que a pessoa teme particularmente, já que na psique também se avulta a noção exatamente contrária – a suposição da falta de valor pessoal. Se você não é especial, não é nada. Portanto, é preciso manter as duas suposições longe da consciência, sem examiná-las. Dessa forma, as reações em cadeia e padrões compulsivos de comportamento que se seguem não podem ter sua realidade testada.

Assim, quando vocês se dão conta de que não querem descobrir o que existe em vocês, averiguem por que não querem. Que falsas crenças os impedem de fazer isso? Ao responder essa pergunta, vocês abrem mais um pequeno portão que, no fim, permitirá uma mudança de ideia, de modo que vão querer descobrir (a) o que vocês pensam que existe e (b) o que realmente existe.

Naquele momento, vocês já estarão dois importantes níveis mais próximos da orientação interior e da realidade interior, da possibilidade daquilo que poderia ser. Esse é o reino de Deus dentro de vocês. Enquanto não forem desfeitos os emaranhados das falsas opiniões, do que vocês acreditam que existe e o contrário do que realmente existe, vocês não conseguirão ver que mesmo o que

realmente existe não precisa ser o estado de ser final de vocês. Essa percepção leva a uma transição de enorme importância.

O nível do que efetivamente existe é sempre um enorme alívio em comparação com aquilo que vocês acreditam que existe. A verdade nunca, nunca é nem de longe ameaçadora como as meias verdades nebulosas e as fugas, sejam quais forem. O que vocês acreditam que existe é um alívio em comparação com a névoa; o que efetivamente existe é um alívio ainda maior em comparação com o que vocês acreditam que existe. A descoberta das muitas possibilidades do que pode existir na criação é mais que libertação. Ela abre as portas para o mundo, para a grande liberdade da co-criação, para a expansão ilimitada. Eu diria que em uma psicoterapia terrena o mais alto objetivo que se pode atingir normalmente é o nível da realidade, aquilo que de fato existe. Quando o homem aceita essa realidade, aceita seus valores e defeitos manifestos, aceita suas limitações e o mundo exterior, quando lida e trata com o mundo de modo a gerar suas melhores ações e sentimentos, isso seria o máximo que se poderia esperar no melhor dos casos. Seria o ponto em que o paciente recebe alta. Mas esse é apenas o ponto em que começa nosso caminho espiritual, embora, é claro, os níveis se sobreponham e não se possa dizer que é preciso completar um nível para atingir o seguinte. Nunca funciona exatamente assim. É por isso que perceber agora o terceiro nível e trabalhar esse nível da melhor forma possível atualmente ajudará a atingir as etapas anteriores talvez com um pouco mais de rapidez e menos de sofrimento, talvez com um pouco mais de segurança e sentido.

Quanto ao terceiro nível, o que pode existir, o que de fato é – aquilo que é normalmente chamado a realidade, não se trata de uma situação estática. Ele não é mais real, verdadeiro e imutável do que o nível daquilo que a pessoa acredita existir. Para quem está convencido dele, ele parece verdadeiro e real, de modo que podemos falar da realidade dele num dado momento. É a realidade de suas premissas, que o levam a outras ideias, com sua energia e dinâmica real, com todas as consequências que ocorrem na experiência e nos fatos. Assim, o que a pessoa acredita e o que é não são tão diferentes quando se leva em conta os vastos leques de possibilidades.

Quando supõe que a realidade é estática e imutável, o homem está tão distante da realidade verdadeira e final quanto o homem que supõe que suas ilusões sejam a verdade final. A realidade última é essencialmente flexível e mutável. O homem não é colocado em um universo que tem uma existência pré-determinada, cujas condições sejam fixas. Até mesmo os objetos são um fluxo, são energia condensada, em movimento constante. A energia é gerada pela consciência e pelo modo como ela opera. Assim, o mundo exterior imóvel é um produto direto de vocês e da sua consciência. Quando vocês conseguirem começar a questionar se o que vocês consideram ser a realidade não precisa ser, vocês começarão a ampliar o horizonte de seus conceitos, sua compreensão, e assim aumentarão seu poder criativo para alterar a realidade aparentemente estática. A realidade pode ser expandida para vocês na exata medida em que desejarem expandir o horizonte, ou as fronteiras, de seus conceitos. Quando falo em conceitos, estou me referindo a mais que crenças e teorias superficiais, naturalmente. Quando a mente de vocês conseguir, verdadeira e profundamente, aceitar um panorama ilimitado de experiência de felicidade e autoexpressão, é isso exatamente o que a sua realidade se tornará. Pois a consciência é uma matéria explosiva, poderosa. Cada pensamento, como vocês sabem, cria e verdadeiramente constrói a sua vida – as próprias circunstâncias da sua realidade.

No entanto, se houver um empenho inconsciente pela expansão limitada, como a criança luta pela onipotência mágica (porque a personalidade tem medo e não gosta de lidar com as limitações atuais), o processo não vai funcionar. É necessário primeiramente aceitar as limitações presentes e

aguentá-las, pois elas são o produto daquilo em que o consciente acredita. É impossível descobrir o próprio poder criativo no lado positivo antes de reconhecer a ligação entre a realidade negativa e as crenças negativas. É somente quando vocês aceitam realisticamente a limitação como é agora que podem transcender essa limitação, entendendo que ela não precisa existir. Assim, vocês passam para o terceiro nível da realidade, no qual seu intelecto não pode ajudá-los. É nesse momento que a orientação interior pode vir à tona. Essa orientação interior será desobstruída quando vocês passarem do nível exterior de imprecisão e névoa, onde não sabem o que se passa em seu íntimo, para o nível daquilo que vocês acreditam que existe, para o nível do que efetivamente existe e, mais além, para abrir o caminho para o terceiro nível, daquilo que poderia existir.

Perceber o que poderia existir, a verdade final do ser interior, do eu real, é o objetivo da própria vida. Pois, nesse caso, o homem mostra seu verdadeiro valor. Quanto mais esses níveis forem transcendidos, mais livre se torna a orientação interior, e tanto mais vocês compreenderão esses três níveis da realidade, que são a forma do homem de evitar ser “lançado no mundo exterior” e voltar à sua realidade interior.

O que é o mal, meus amigos, todo o mal tão deplorado? O mal é todo o erro, a confusão no nível exterior, enevado, da pré-realidade, bem como no nível daquilo que se acredita existir, que ainda não é nem muito consciente, de modo que o homem é levado a praticar atos e a ter sentimentos que são verdadeiramente destrutivos e são chamados o mal. Eles obscurecem a luz espiritual da unidade. A existência do mal é o impulso cego de não saber, a imprecisão da crença errada, da distorção, do erro. Se vocês realmente compreenderem essas palavras, meus amigos, será impossível vocês jamais odiarem alguém ou acreditarem na natureza maligna de alguns seres humanos. Vocês verão que é impossível odiar qualquer ser humano, pois tal ódio não tem sentido. Vocês podem odiar o mal do erro e o erro do mal, vocês podem odiar o efeito do erro e a imprecisão de não saber no que acreditam – ou no que os outros acreditam. Isso vocês podem odiar, mas não podem jamais odiar a pessoa presa ao erro de não saber no que acredita. Esse é, na verdade, o estado mais alienante – não saber no que se acredita, supõe e conclui.

Como disse anteriormente, vocês precisam tomar cuidado para não julgar se vocês mesmos ou os outros atingiram totalmente qualquer um desses níveis. É sempre uma questão de oscilação e sobreposição. Uma pessoa pode, em seu desenvolvimento, ter atingido o ponto de oscilar entre o segundo e o terceiro níveis. Pode ter ativado poder suficiente do terceiro nível para guiá-la em todas suas expressões de vida. Mas nos aspectos em que continua presa na névoa, essa orientação não penetra facilmente e não pode ser ouvida.

E agora, meus caros, podemos passar para as perguntas.

PERGUNTA: E se a pessoa duvidar que suas necessidades são justificadas? Também não é uma questão do que deveria ser?

RESPOSTA: Isso faz parte da confusão. Se você não souber o que deve querer, o que é uma necessidade legítima da sua parte, você fica confuso entre o aspecto infantil, que deseja amor e atenção irracionais e impossíveis, e a necessidade adulta e legítima de calor humano e afeto. Nessa confusão, é possível que você se rejeite o segundo aspecto e ao mesmo tempo se revolte por não obter o primeiro. É preciso trazer à tona e examinar tudo isso para poder colocar as coisas em ordem.

Além dessa confusão, também pode haver confusão sobre o que a outra pessoa realmente sente. A confusão de vocês inevitavelmente gera confusão sobre o que existe na outra pessoa. A dimensão infantil pode concluir que vocês estão sendo rejeitados, pois as exigências exageradas não são atendidas. Talvez vocês não consigam reconhecer o amor real, pois ele aparece sob uma forma diferente do que vocês imaginavam no estado atual, em que talvez vocês não consigam admitir diferenças de autoexpressão. Também é possível que vocês interpretem mal a rejeição real, tomando-a por uma rejeição pessoal, sem perceber que se trata da manifestação da imaturidade e medo de amar da outra pessoa. Todas essas interações e correntes mútuas precisam ser investigadas.

A maneira como vocês podem medir se chegaram ao que devem saber sobre si mesmos num determinado momento é a única medida confiável que existe. Vocês têm a sensação de extremo alívio e liberação, de estarem energizados e leves? Se a resposta for sim, podem ter absoluta certeza de que atingiram, nesse momento, o nível de autoconhecimento que devem ter. Quando essa sensação está ausente, podem ter certeza absoluta de que ainda há muitas perguntas sem respostas, que precisavam ser encontradas. Vocês precisam fazer a si mesmos as perguntas certas.

PERGUNTA: Sei que eu distorço a realidade. Fico pensando como isso se aplica à minha situação de trabalho, em que estou vivendo uma fase de hostilidade com meu chefe. Pelo menos de minha parte existe muita hostilidade contra ele. Para mim isso é muito real, embora saiba que estou reagindo exageradamente. O que você teria a dizer a esse respeito?

RESPOSTA: Como você já sabe, na verdade isso não tem muito a ver com o seu chefe. É tudo uma questão entre você e seu pai. Você precisa fazer a si mesmo as perguntas certas. Quais são seus verdadeiros sentimentos em relação a ele? O que você acredita que ele sente por você? E por que? Se você se concentrar apenas nessas três perguntas, já terá mais clareza sobre o nível do que você acredita que existe, em vez de ficar na névoa de não saber muito bem o que o perturba. Dessas perguntas surgirão outras, naturalmente. Mas não vamos nos precipitar; basta concentrar-se nessas três perguntas, sem dar nada como certo. É essencial você fazer essas perguntas – e respondê-las. Depois você pode passar para o nível seguinte, considerar o que existe.

Para os que ouviram esta palestra, mesmo se não tiverem se concentrado sempre no que disse, alguma coisa entrou em seu coração, onde uma semente pode se transformar em um fruto maravilhoso. Deixem que isso aconteça, meus amigos, pois a vida é tão boa. A verdade é felicidade, enquanto a infelicidade é sempre erro e conceito errôneo. Nunca se esqueçam disso. Esse fato pode levar vocês a terem mais iniciativa para descobrir os conceitos errôneos do seu sofrimento.

Neste dia em que se comemora a maior fé deste hemisfério, talvez vocês encontrem uma força especial nessa lembrança de seus antepassados – não porque um dia especial tenha em si mesmo qualquer valor, mas porque às vezes o homem precisa de um impacto ou impulso exterior para acionar alguma coisa em seu íntimo. Para alguns, as lembranças e comemorações religiosas podem constituir um impulso. Para outras talvez isso não seja necessário. Mas elas, por sua vez, podem precisar de outros lembretes e incentivos, ou de outro ímpeto que represente uma força motriz para encontrar a saída do emaranhado no nível mais exterior da existência enevoadada que provoca tanta ansiedade e sofrimento.

Sejam abençoados, queridíssimos amigos. O amor do universo, a verdade e a beleza do universo estão dentro e em volta de vocês em todas as ocasiões – sempre, meus amigos, sempre. Vejam a verdade invocando a orientação interior, para que no fim vocês e o guia interior sejam um só. Isso acontecerá quando vocês tiverem sentido sua realidade muitas vezes. Sejam abençoados, fiquem em paz, fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.